



ESTUDOS DE LINGUA(GEM) E RACISMO

STUDIES ON LANGUAGE AND RACISM

Gabriel Nascimento¹

Universidade Federal do Sul da Bahia

Mauricio J. Souza Neto²

Universidade Federal da Bahia/Instituto Federal da Bahia

Suellen Thomaz de Aquino Martins³

Universidade Federal do Sul da Bahia

A questão racial e suas profundas implicações na sociedade contemporânea têm sido objeto de estudo e reflexão de diversos intelectuais negros ao longo das décadas. Entre eles, Sueli Carneiro, bell hooks, Patricia Hill Collins, Lélia Gonzalez, Guerreiro Ramos, Beatriz Nascimento, Frantz Fanon, Aimé Césaire e Abdias do Nascimento se destacam por suas contribuições significativas na análise do racismo estrutural e suas interseções com a linguagem e a sociedade.

¹ E-mail: gabriel.santos@csc.ufsb.edu.br.

² E-mail: mauricioj.s.neto@gmail.com.

³ E-mail: suellen.martins@gfe.ufsb.edu.br.

Através das obras desses intelectuais, compreendemos que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um campo de poder onde as relações raciais são negociadas e contestadas. A linguagem pode ser utilizada para perpetuar a opressão, mas também tem o potencial de ser um instrumento de resistência e transformação.

No Brasil, um país marcado pela complexa história de colonização, escravidão e imigração, a língua carrega marcas indeléveis dessas dinâmicas de poder. Neste contexto, raça e racismo emergem como temas centrais para entender não apenas a estrutura e uso da língua, mas também as relações sociais que a permeiam. A análise da linguagem através da lente da raça e do racismo revela como as práticas discursivas podem tanto perpetuar quanto desafiar as desigualdades raciais.

Apesar disso, historicamente, os estudos linguísticos no Brasil negligenciaram a influência das relações raciais na formação e evolução da língua. Os estudos de Antônio Houaiss e Serafim da Silva Neto, por exemplo, conferem às línguas africanas uma contribuição meramente lexical, deixando de lado cosmovisão, sintaxe e fonologia.

Reconhecendo isso, mas sobretudo valorando outras histórias de pesquisa que também devem ser contadas, em dezembro de 2022, intelectuais, pesquisadores, estudantes e toda comunidade curiosa reuniram-se em Ilhéus para construir um espaço de troca e de fortalecimento de ideias e pesquisas chamado I Jornada Internacional de Estudos de Linguagem e Racismo. Mas ainda não era suficiente. O racismo não pode ser invisibilizado, mas desmascarado e combatido.

Por isso, inquietos e determinados, nos juntamos para propor à Revista Estudos Linguísticos e Literários um dossiê temático que abordasse essas questões. A ideia era reunir artigos e ensaios que discutissem perspectivas teóricas,

pedagógicas, ideológicas e práticas a partir de diálogos múltiplos, transgressivos, antirracistas e in/transdisciplinares que centralizassem a linguagem como meio de percepção, manutenção e luta contra o racismo.

Como resposta, obtivemos um volume grande de textos, muitos dos quais não faziam longínquo e tênue diálogo com a nossa proposta. Ao final das avaliações, descortinaram diante dos nossos olhos nove textos a formar a nossa boneca Abayomi, que carinhosamente chamamos de **Dossiê Temático Estudos de Língua(gem) e Racismo**. Entendemos, assim, que era uma resposta ancestral dada pelo caminho Ossá Meji. Essa aparição confirmava a nossa expectativa e deixava claro que estamos falando de uma doença (o racismo), que precisa ser combatida para não aniquilar a nós todos, enquanto se esconde.

Assim, é com imensa satisfação que apresentamos este dossiê especial, uma coletânea de reflexões e análises que emergem da confluência entre a linguagem e as estruturas raciais que permeiam nossa sociedade. Esta iniciativa, organizada por nós, pesquisadores comprometidos com a descolonização do saber e a promoção de uma educação antirracista, visa iluminar as complexas relações entre o discurso e a experiência racializada no Brasil.

Iniciamos com a **Carta de Ilhéus**, assinada por diversos pesquisadores que se fizeram presentes na "I Jornada Internacional de Estudos de Linguagem e Racismo", realizada em dezembro de 2022 em Ilhéus-BA. A Jornada abordou diversas questões políticas e acadêmicas relacionadas ao racismo no contexto linguístico brasileiro. O encontro discutiu como o racismo estrutural se manifesta através da linguagem, destacando a importância de políticas linguísticas inclusivas que considerem a diversidade racial e cultural do país. A carta resultante do evento critica a falta de políticas que acompanhem as cotas universitárias, a exclusão das línguas africanas e indígenas dos currículos escolares, e a ausência de ações afirmativas nos

programas de pós-graduação e publicações acadêmicas. O documento chama a atenção para a necessidade de reconhecer o multilinguismo brasileiro e de promover a inclusão de vozes negras nos estudos linguísticos, propondo uma agenda contínua de ações para combater o racismo estrutural através da linguagem.

Carlos Maroto Guerola e Maecia Santos Abade (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), em *Racismo e Memória Linguística no Ensino Superior*, analisam textos de 25 estudantes negras do ensino superior. O estudo investiga como o racismo estrutural no Brasil impacta a educação dessas estudantes, dificultando o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas necessárias para a leitura e a produção textual eficazes. A pesquisa identifica desafios sintáticos e textuais enfrentados pelas estudantes e propõe pedagogias de memória linguística para melhorar a compreensão leitora e a produção textual, considerando as exigências discursivas esperadas na modalidade escrita. Os resultados indicam a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam e enfrentem as barreiras impostas pelo racismo estrutural, promovendo uma educação mais equitativa e inclusiva.

Já **Renan Monezi Lemes** (Universidade do Estado de Mato Grosso) em *Linguagem, Racismo e Política: Confronto Ideológico entre Dois Artigos de Opinião sobre a Teoria Racial Crítica*, investiga as relações dialógicas entre dois artigos de opinião sobre a Teoria Racial Crítica (TRC) nos Estados Unidos. Utilizando as teorias de Bakhtin e o Círculo para analisar enunciados, discurso e ideologia, o estudo identifica um embate ideológico resultante de processos sócio-históricos distintos. Através de uma abordagem bibliográfica qualitativa, o artigo revela como diferentes materializações discursivas dissolvem o conceito de verdade, destacando o protagonismo do sujeito-leitor no complexo plano dialógico de identificação ideológica.

Apolo Vincent Oliveira (Universidade Federal de Santa Catarina) e **Denise Maria Botelho** (Universidade Federal Rural de Pernambuco) assinam *O Racismo Linguístico como Base da Língua Portuguesa*. Nele, os autores investigam a relação entre as estruturas formais da língua portuguesa e a formação da consciência racial no Brasil, abordando como o racismo linguístico se manifesta na língua, e argumentam que existe uma conexão entre as estruturas da língua portuguesa e o racismo linguístico, que atua como uma política racial subjacente. A pesquisa ressalta a importância de compreender como a linguagem molda as identidades e como o colonialismo influencia as relações linguísticas. Os autores concluem que é fundamental abordar as questões de raça e linguagem de forma crítica e contextualizada, reconhecendo as implicações sociais e políticas da linguagem na construção de identidades e na promoção da equidade racial.

Em *Uma Análise Discursiva acerca dos Enredamentos entre Racialismo, Linguagem e Web*, de **Bougleux Bomjardim da Silva Carmo** (Universidade Estadual de Santa Cruz), realiza uma leitura crítica de postagens racistas em notícias na internet. Utilizando a Análise do Discurso francesa pecheutiana, estudos sobre a interface entre discurso e racialidade, e teorias pós-coloniais, o estudo analisa um corpus de 15 notícias publicadas entre 2018 e 2022. O trabalho destaca a performatividade da materialidade discursiva como elemento central na produção de uma posição-sujeito fraturada pelo racismo estrutural. O estudo identifica como discursos racistas se articulam na web, refletindo uma neurose cultural e a legitimação de hierarquias raciais, propondo uma abordagem interseccional e antirracista na análise discursiva.

O artigo *Letramento Digital e de Reexistência: O Instagram e a Educação Antirracista no Brasil*, de **Gabriele Valim Vargas** (Universidade Federal de Pelotas), **Adail Sobral** (Universidade Federal do Rio Grande), e **Karina Giacomelli**

(Universidade Federal de Pelotas), investiga como a interação via Instagram em páginas dedicadas a discussões e propostas sobre culturas afro-brasileiras e africanas promove o aprendizado antirracista. Analisando três perfis do Instagram (@ativismonegro, @pretitudes e @precisamosfalarde racismo), o estudo examina se essa plataforma pode influenciar a aprendizagem sobre antirracismo e como isso se relaciona com os conceitos de letramento digital e de reexistência. A pesquisa demonstra que essas páginas cumprem seu objetivo de amplificar as vozes afro-brasileiras, influenciando positivamente estudantes e outros interlocutores a conhecerem melhor as culturas afro-brasileiras e contribuindo assim para uma educação antirracista.

Sávio Oliveira da Silva Santos (Universidade Estadual de Santa Cruz) explora as estratégias linguísticas utilizadas nas canções de capoeira para transmitir saberes da tradição oral afro-brasileira com *Pretuguês: Mandingas Linguísticas em 'Quero Ver Dendê' de Mestre Boa Voz*. Focando na canção "Quero ver dendê" de Mestre Boa Voz, o estudo investiga como essas práticas linguísticas, denominadas de "pretuguês," são usadas para preservar e perpetuar a identidade cultural afro-brasileira frente ao racismo e colonialidade. O artigo destaca a importância da linguagem como ferramenta de resistência e reexistência, abordando conceitos como genocídio, epistemicídio e linguicídio, e enfatiza o papel da capoeira na manutenção e transmissão de saberes ancestrais.

Maria Carolina Almeida de Azevedo (Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro) e **Luiz Fernandes de Oliveira** (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) assinam o artigo *Eu Sou a Teacher: A Identidade Racial do/a Professor/a Branco/a de Língua Inglesa no Brasil*. Os autores exploram a identidade racial de professores brancos de inglês na educação brasileira. Através de uma análise crítica e interdisciplinar, o estudo investiga como conceitos de identidade, raça, racismo e

branquitude influenciam a representação da língua inglesa e afetam o processo de ensino e aprendizagem para alunos negros e brancos. Utilizando uma abordagem explicativa, o artigo busca colaborar com a reformulação do ensino de inglês e contribuir para pesquisas sobre estudos raciais no contexto educacional, promovendo uma educação antirracista e descolonizada.

Já em *Letramento Literário Racial Crítico nas Aulas de Inglês: Movimentos Identitários de Estudantes Negros Brasileiros*, **Marcela Cristina Fideles Gonzaga** (Universidade Federal de Ouro Preto), insere seu trabalho na área da Linguística Aplicada e investiga como estudantes negros brasileiros do Ensino Médio de uma escola pública de Minas Gerais (des)constróem suas identidades ao serem expostos às práticas de Letramento Racial Crítico em aulas de Língua Inglesa, utilizando o texto literário "I Know Why the Caged Bird Sings" de Maya Angelou como suporte linguístico. A pesquisa qualitativa, na modalidade ação-colaborativa, foi conduzida através de questionários, entrevistas semiestruturadas, notas de campo e conversas informais. Os resultados indicam momentos de identificação dos estudantes com a história de vida da escritora, revelando como essas práticas impactam na construção de suas identidades raciais.

Por fim, **Fernanda Cristina da Silva Oro Ghiberto** e **Valeska Gracioso Carlos** (Universidade Estadual de Ponta Grossa) exploram a aplicabilidade da Lei 10.639/03 na formação de professores de Língua Estrangeira, com foco especial no Espanhol, no artigo *Políticas Afirmativas no Contexto de Formação de Professores de Língua Espanhola*. O estudo destaca a necessidade urgente de incorporar questões raciais no ensino de Espanhol, abordando como a formação docente pode desmistificar conceitos enraizados e promover uma educação antirracista e multicultural. Utilizando teorias pós-colonialistas e referências acadêmicas, os autores concluem que ensinar Espanhol através de temas que refletem a diversidade

linguística e cultural, como o espanhol caribenho e a cultura afro-latina, é essencial para desconstruir a hegemonia do idioma colonizador e valorizar a pluralidade cultural nas salas de aula.

Em um contexto onde o racismo é estrutural, desafiar as narrativas dominantes e criar novas formas de expressão é essencial. A educação antirracista, a valorização das epistemologias subalternas e a promoção de espaços discursivos inclusivos são caminhos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Cada um desses trabalhos é uma peça fundamental na construção de um entendimento mais profundo e complexo do papel da linguagem na luta contra o racismo. Por isso, agradecemos a cada autor e autora por essa contribuição ímpar.

Como bem lembrou Conceição Evaristo, "a nossa voz atravessa o tempo, rompendo a mordada do silêncio". Que este dossiê inspire novas reflexões e ações, utilizando a linguagem como arma e escudo na incessante luta por equidade e justiça.

Com resistência e esperança.